


# COMUNICAÇÃO INDÍGENA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO DA COVID-19: ESTRATÉGIAS DE LUTA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.643132408117>

*Data de aceite: 19/11/2024*

### **Fetxawewe Tapuya Guajajara Verissimo**

Estudante indígena do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Bolsista de iniciação científica

### **Denise Osório Severo**

Doutora em Saúde Coletiva. Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília e orientadora da pesquisa de iniciação científica

### **Maria da Graça Luderitz Hoefel**

Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília. Colaboradora da pesquisa

formas de comunicação, especialmente as redes sociais, sobretudo em relação à preservação da nossa cultura, saberes e modos de vida.

Em relação ao impacto das TICs nas comunidades indígenas, Pinto (2018) destaca as possíveis influências, negativas e positivas, tanto pelos riscos de introduzir valores, códigos e pautas alheias aos povos, como também acentua que, dentre os aspectos positivos, há que considerar a possibilidade de as TICs servirem como instrumento de criação de conteúdos e enquanto meio de resgatar e difundir informações das próprias comunidades indígenas.

De fato, é nesse sentido que temos nos apropriado e desenvolvido nossas produções no campo da comunicação, com o cuidado para que elas não prejudiquem nossas tradições ancestrais e possam levar informações que permitam afirmar nossas culturas e lutar por nossos direitos. Temos construído muitos processos e a juventude indígena tem cada vez mais protagonizado e organizado espaços e coletivos centrados na comunicação, articulado ao conjunto do Movimento Indígena.

## INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias de informação (TICs) nos últimos trinta anos, especialmente impulsionadas pelo surgimento da internet, mudou completamente as formas de comunicação e interação em todo o mundo e em todos os povos (CASTELLS, 2003). Em relação aos povos indígenas, isto também repercutiu nas nossas comunidades e motivou grandes debates (TUKANO, 2006) acerca dos pontos positivos e negativos das novas

A emergência da pandemia da COVID-19 reafirmou a importância da comunicação indígena e tornou isto bem claro, tanto para a sociedade em geral, como também para as próprias comunidades indígenas, que tiveram que se reorganizar e produzir informações para poder proteger a vida dos nossos parentes, diante da negligência do governo brasileiro.

Com o distanciamento social necessário, várias mídias foram utilizadas, além de outras linguagens tradicionais, para enfrentar a pandemia e também para apoiar as grandes lutas que tivemos que travar simultaneamente, tendo em vista os ataques contra os direitos dos povos indígenas realizados em meio ao cenário caótico de milhares de mortos. Não ficamos restritos às comunidades, por saber que precisamos fazer circular nossas palavras e nossas realidades pelo mundo, para que os direitos humanos sejam resguardados e possamos reafirmar nosso direito de existência. Pinto (2018, p.121) aborda estes processos e afirma que nosso engajamento nos universos digitais nos possibilitou "(...) transcender as fronteiras físicas, do local para o global", viabilizando novas redes e conexões.

Diante da importância da comunicação indígena, em especial no cenário atual da pandemia, esta pesquisa tem como objetivo geral mapear as produções em comunicação e educação em saúde realizadas pelo Movimento Indígena no contexto da COVID-19, afim de conhecer o conteúdo, linguagens e demandas abordadas. Este estudo pode contribuir para orientar as ações do Movimento Indígena, para valorizar os nossos saberes e também para nortear as políticas de saúde indígena.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa que incorpora a perspectiva decolonial (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2007) e a necessidade de valorizar outros modos de produção de saberes ancorados na cosmovisão indígena e nas tradições da oralidade, da memória e das histórias de vida. Nesse sentido, buscou estabelecer um diálogo epistemológico e metodológico que pudesse contemplar diferentes racionalidades. Assim, optamos por construir um mosaico metodológico que desaguou em uma pesquisa de método misto, de abordagem qualitativa, composta por uma etapa autobiográfica (Abrahão, 2003) e uma fase documental (Kripka et al, 2015).

A etapa autobiográfica tem como objetivo discutir os significados e a importância da comunicação indígena no contexto da COVID-19, por meio de narrativa autobiográfica do autor, indígena pertencente ao Povo Fulni-ô/Guajajara. A fase documental buscou mapear as produções em comunicação e educação em saúde realizadas pelo Movimento Indígena no contexto da COVID-19.

O mapeamento foi realizado com base nas seguintes fontes de dados: Instagram, Facebook, Youtube, sites de organizações indígenas e indigenistas, tais como: CIMI, APIB, COIAB, APOINME. As buscas foram realizadas por meio das palavras-chaves: CIMI, enfrentamento, covid-19, indígena, cartilha, saúde, indígena, covid, relatório, APIB,

série, *live*, indígena, COIAB, plano de ação, revista, Terena, encontro, Pataxó, plano de vacinação, indígenas contra o covid-19 2021, APOINME, levante indígena (via instagram), papo de índio (via instagram), perfil da thyara pataxo influencer indígena (via instagram), Thulse Audiovisual (via instagram), #VacinaParente, Tukumã Pataxo influencer indígena (via instagram), APIB (via instagram), Midia Índia (via instagram), genocídio, indígena atual, estudantes indígenas covid-19, #Vacinaparente Apib (via instagram), Povo Pankararu (via instagram), myrian krexu (via instagram), Sonia Guajajara (via instagram), copião parente covid, quarentena indígena APIB, mulheres indígenas contra o covid, indígenas contra o covid, indígenas contra covid pernambuco, indígenas contra fake news e a vacinação. Estas palavras foram adaptadas para cada plataforma.

A coleta de dados ocorreu no período entre os dias 18 Março 2021 e 20 de Abril de 2021, na língua portuguesa. Adotou os seguintes critérios de inclusão: a) materiais e produções de comunicação e educação em saúde realizadas no contexto da pandemia da COVID-19; b) de autoria indígena; c) com enfoque (direto ou indireto) na luta pelo direito à saúde indígena, ao enfrentamento da COVID-19 e inter-relações entre saúde e lutas por demais direitos indígenas. Aplicados os critérios de inclusão, foram selecionados 41 documentos, compostos por vídeos, podcasts, postagens, artigos e reportagens.

Os dados foram tratados com base em instrumento adaptado de Cellard (2008) e análise de conteúdo de Bardin (1977). Foi adotada uma matriz que incluiu os seguintes elementos: título, autor, organização, data, fonte, palavras-chaves, povo retratado/participante, linguagem, conteúdo, demandas. Ressalta-se que o contexto é parte inerente da própria perspectiva teórico-metodológica desta pesquisa, motivo pelo qual não foi alocada na matriz, visto que constitui elemento transversal e norteador de toda abordagem.

## RESULTADOS E ANÁLISE

As percepções acerca dos significados e a importância da comunicação indígena no contexto da COVID-19 são abordadas a seguir por meio de narrativa autobiográfica e tratam dos seguintes elementos: a) concepção e significado da comunicação indígena; b) importância da comunicação dentro dos movimentos indígenas; c) diálogo de saberes; d) comunicação como ferramenta de enfrentamento/luta.

### O que seria a comunicação indígena?

O conceito de comunicação é a capacidade de partilhar, participar ou tornar comum, e dentro desse conceito entramos no que seria a comunicação indígena na atualidade e como estamos usando ela para transmitir a realidade. A comunicação indígena vai muito além do que percebemos ou sabemos sobre a própria comunicação, além dos tradicionais métodos de comunicação que usamos no nosso dia a dia, que já são diversos dentro do meio indígena, temos a utilização de outros meios, como por exemplo: as pinturas, os cantos e nossa espiritualidade, que serve como bases para todas as outras formas de comunicação (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

A juventude indígena vem ocupando cada vez mais espaços dentro da área da comunicação e no audiovisual. Atualmente já temos nossas próprias mídias, a produção e o conteúdo é criado dentro de cada perspectiva indígena e suas realidades. Os jovens comunicadores têm uma grande importância atualmente de levar essa informação e fazer esse diálogo entre os não-indígenas e os apoiadores, levando as informações que não são passadas nas grandes redes de comunicação abertas do Brasil. A função da comunicação dentro das comunidades são de extrema importância, pois é com ela que aprendemos e ensinamos. A comunicação indígena representa uma força de luta, pois é com ela que levamos o fato e estamos cada vez mais levando nossos gritos de resistência. O grito que, por muitas vezes, era abafado, excluído e silenciado, agora faz parte de um grito compartilhado muito maior e agora somos nós que estamos usando a comunicação para o bem e mais uma vez falando sobre o direito à vida dos povos originários (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

### **Qual a importância da comunicação dentro desses movimentos?**

Nos últimos tempos a comunicação tem cada vez uma maior relevância no contexto político-social, em especial no contexto das mobilizações indígenas. Estamos na linha de frente do combate às Fake News, descolonizando os pensamentos sobre as questões indígenas de forma bem didática e popular. Nossas redes de comunicação e, conseqüentemente, de apoio, estão cada dia mais fortes e mais amplas. A comunicação para o movimento é de extrema importância, pois é com ela que nós levamos a nossa veracidade de forma bem própria, mas também de forma bem fluida (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Um exemplo emblemático é o Levante Pela Terra, que foi uma mobilização pelos Direitos dos Povos Indígenas iniciada pelas nossas lideranças tradicionais e a juventude do povo Kaingang, Xokleng e Guarani Nhandeva diante dos retrocessos nas Políticas Socioambientais e nos Direitos Humanos (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Com diversos parentes e demais delegações que vieram à Brasília no mês de junho de 2021, a comunicação mais uma vez foi primordial para levar a real situação da mobilização, as pautas e a necessidade do ato. Durante essa mobilização tivemos a Tenda da Comunicação/Mídia, fundamental para reunir os comunicadores indígenas e alinhar as informações que seriam divulgadas. Presenciei a real necessidade da mídia e da comunicação no Levante, pois fui um dos vários jovens comunicadores indígenas que estavam lá fazendo o trabalho, muitas vezes cansativo, mas extremamente necessário, de cobertura da mobilização. (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Estávamos ali com nossos celulares, câmeras e outras ferramentas que usamos no dia-a-dia. Utilizamos diversas formas de linguagens adotadas hoje em dia, estávamos na linha de frente contra as Fake News que estavam sendo divulgadas pelas outras mídias.

O acampamento foi por muitas vezes silenciado e a sua ocupação foi invisibilizada pela grande mídia. Foi necessário fazer uma grande força tarefa e se dividir em grupos, como por exemplo os parentes que ficaram na frente dos textos, outras ficaram fazendo as fotografias e filmagens, tinha também o pessoal que ficava na confecção de flyer, cards para o meio midiático e assim foi se fazendo a cobertura de muitas formas e em um só coletivo, feito somente por comunicadores indígenas que estavam no acampamento. Sabemos o quanto é necessário ter essas informações vindas de nós mesmos que estamos ali, vivenciando todas as experiências da mobilização durante todos os dias, pois sempre estivemos no meio midiático sendo retratados pelos não-indígenas de uma forma que nunca contemplava o nosso próprio ser. (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Na maioria das vezes sempre somos colocados como selvagens, agressivos, “burros”... entre outras formas de ridicularizar o ser indígena. Por esse e outros vários motivos, precisamos estar cada vez mais ocupando esses espaços nos diversos meios de comunicações, para acabar com essas inverdades que rodeiam os atos indígenas, a nossa pluralidade e realidade. Somos todos indígenas, mas nem todos os indígenas compartilham dos mesmos conflitos que os outros parentes. A comunicação auxilia na hora de mapear e divulgar a realidade dentro de cada contexto e conflito que está relacionado (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

## **O que é o nosso diálogo de saberes?**

A comunicação vem também como um fortalecedor dos saberes e como uma das táticas de preservação dos conhecimentos, que por meio da pandemia estão se perdendo com a morte dos grandes anciões que são nossas grandes bibliotecas de saberes. A troca de saberes é muito importante para manter vivo cada ensinamento que foi passado na oralidade, mas também por meio de outras formas de ensino (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Os diálogos de saberes dentro dos movimentos são de grande importância, pois sempre vem as lideranças, contadores de histórias, os anciões que passam as vivências e as experiências que vivenciaram por meio das grandes rodas de conversas, muitas vezes na frente de uma fogueira. É nesses espaços onde são divididos os conhecimentos entre os povos indígenas, que ouvi um relato muito forte durante o Levante pela Terra. Um parente provavelmente era liderança de uma etnia do Acre, se não me falha a memória e da nação Shenenawa, ele relatou os momentos que passou dentro do hospital enquanto estava com a COVID-19. Segundo ele foram momentos de quase morte, pois estava com mais de 50% dos pulmões comprometidos, ele falou que ficou “jogado” em uma cadeira por dias até conseguir ser atendido, e mesmo depois de ser atendido, ele ficou em uma cadeira de rodas no corredor do hospital, pois não tinha leito para ele e as outras pessoas que estavam lá. Ele relatou que tinha uma pessoa em uma maca ao lado, que tinha acabado

de falecer, e esse parente implorou para ser colocado nessa maca, pois estava há dias sem deitar e com muitas dores nas costas. Por muitas vezes ele parava de falar e soltava algumas lágrimas. O parente achava que iria morrer ali mesmo, longe da sua família e sua aldeia. Na narração ele falou com um tom de humor que ficava feliz quando suava, pois conseguia beber um pouco de água (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

No final do seu relato ele disse que ficou com várias sequelas pós covid-19, principalmente com perda de memória. Lembro que nessa noite eu fiquei muito sensível, por saber que tinham vários parentes que também passaram pelo mesmo que ele ou até pior durante o início da pandemia. Esse mesmo parente, também falou sobre o que seria uma doença, disse que muitas vezes não é um vírus ou bactéria que deixa os indígenas doentes, mas pode ser sim algo ligado ao nosso lado espiritual (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Todo esse relato e vivência mexeu muito com todos, mas essa liderança falava de um jeito que acalmava a alma, pois ele tinha um grande carisma e muita força. Nessa mesma roda ao pé da fogueira, tinham alguns parentes, principalmente jovens, e cada um deles falou um pouco sobre os trabalhos que estavam fazendo, e é desse jeito que fazendo o nosso diálogo de saberes, nesse momento ninguém é maior que ninguém, pois todos estamos na mesma altura e no mesmo status de ouvinte e cada um pode acrescentar mais e mais assuntos. Desse jeito fazemos, muitas vezes sem saber, o que seria a troca de saberes de forma natural e milenar que temos enquanto povos indígenas (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

## **A nossa comunicação como ferramenta de enfrentamento/luta**

A comunicação vem sendo cada vez mais usada como ferramenta de luta, principalmente agora diante de vários retrocessos políticos sociais durante esse período pandêmico que todos estamos passando. Nós, povos indígenas, estamos fazendo com que a comunicação seja mais humana, e que leve a nossa voz em vários espaços, para que cada vez mais possamos ocupá-los, e a comunicação está sendo uma dessas estratégias de luta e resistência, com auxílio da tecnologia. (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

É atualmente um grande recurso que estamos usando como fortalecimento das nossas próprias culturas e conhecimento, sendo assim uma grande tática anti-colonial e anti-genocida, pois agora podemos guardar esses registros para nós mesmos ou para dividir, se for o caso. Estamos cada vez mais inclusos nesse meio que cada dia fica maior. Hoje em dia podemos fazer uma *live* de um conflito ou divulgar um acontecimento de outros estados, tendo certeza que a informação está certa e sem risco de inverdades. Isso tem um grande impacto dentro e fora da realidade indígena. Tivemos que nos reinventar durante a pandemia, com novas estratégias de comunicação, pois como a gente iria levar, por exemplo, o risco da covid-19 para dentro dos contextos indígenas? (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021)

A comunicação foi de grande importância para o enfrentamento da Covid dentro das comunidades. Foram feitos vários vídeos curtos, de fácil entendimento, sobre como se manter seguro, sobre a própria prevenção contra a covid-19, várias cartilhas foram feitas para levar também de forma escrita essa informação do combate à pandemia, mostrando que não era brincadeira ou uma gripezinha (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Foi levado para cada povo uma informação, respeitando cada especificidade. Várias linguagens de comunicação foram usadas como áudio (podcast, radio...), vídeos, textos, imagens entre outras formas, as táticas de enfrentamento não só contra a pandemia, mas também para denunciar os ataques que foram e estão sendo feitos durante essa pandemia. A comunicação foi fundamental no combate contra às fake news, que chegaram na comunidade juntamente com a vacinação. Várias informações erradas foram passadas e infelizmente ainda estão sendo transmitidas. A comunicação indígena representa uma linha de frente para combater essas e outras irrealidades, como por exemplo as mortes de lideranças que não foram expostas nas grandes mídias e a comunicação mais uma vez vem como uma grande aliada, pois conseguimos passar a real situação. Então juntamos os comunicadores indígenas, as mídias indígenas e a tecnologia para criar essa grande rede de informações e de verificação de informações verídicas. Precisamos cada vez mais nos apropriarmos da comunicação e torná-la uma ferramenta de combate à desinformação (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Então cada vez mais estamos utilizando a comunicação como ferramenta de luta, como fortalecimento de saberes, e com ela nós estamos contando nossa própria história, seguindo nossa própria perspectiva. As nossas narrativas estão cada vez mais fortes e com ela estamos modificando a própria história. Estamos superando as expectativas que foram colocadas sobre nossos corpos e saberes, fazendo história, usando um celular, câmera ou apenas um gravador de áudio (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

A cada click, a cada postagem nova sobre a realidade indígena, é uma página nova na história do próprio Brasil. São páginas que foram arrancadas e, com a comunicação, estamos (r)escrevendo, seja para combater as fake News e o desgoverno, seja para levar informação sobre como se prevenir de doenças, seja para enfrentar atualmente a covid-19 e suas variantes. Temos a clareza que a comunicação tem múltiplos papéis e é também fundamental no fortalecimento da cultura e nas trocas de saberes. Ela permite salvar as histórias e memórias que estão sendo perdidas por conta da pandemia (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Estamos fazendo um grande trabalho de produção no sentido de salvar o que estão tentando exterminar, seja as línguas que ainda se tem, as danças, rituais, pinturas e principalmente as histórias, que são a base das nossas identidades indígenas.

Estas produções tem sido realizadas de muitas formas e são parte de nossas estratégias de luta pelo território, pela vida e pelo nosso direito de existir. Diante da pandemia e de um governo abertamente contrário aos direitos dos povos indígenas, tivemos que outra vez dobrar nossos esforços para fazer chegar aos nossos parentes as informações necessárias para salvar a vida das comunidades. (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

Assim, a comunicação indígena cumpriu papel importante no combate à COVID-19, por meio do desenvolvimento de vários materiais e produções feitas por diferentes povos, sob diferentes formatos, linguagens e conteúdos, que articularam a saúde às nossas agendas de luta, já que para nós a luta pela saúde é inseparável da luta pelo território e por todos demais direitos dos povos indígenas (FETXA FULNI-Ô-GUAJAJARA, 2021).

## Mapeamento das produções de comunicação e educação em saúde no contexto da COVID-19

Os dados abordados a seguir são advindos da etapa documental, com recorte histórico entre março de 2020 e abril de 2021, com base na análise de 36 produções de autoria indígena e/ou protagonizadas pelos povos e/ou validadas pelos mesmos, incluídas no estudo. A totalidade da amostra pode ser observada na Figura 1:

	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autoria/Organização</b>	<b>Linguagem</b>
1	Plano de Ação Emergencial de Combate ao avanço do Coronavírus e de Tratamento entre os Povos Indígenas da Amazônia Brasileira	Março/ 2020	COIAB	Relatório
2	Se cuide em casa	15 de Abril de 2020	Povo Pankararu	Vídeo/ Instagram
3	Fica em casa parente	30 de Abril de 2020	Thulse Audiovisual	Vídeo/ Instagram
4	Em busca de uma cura coletiva	20 de Maio de 2020	Quarentena indígena/ APIB	Podcast/Google
5	Covid-19 e os povos indígenas	22 de Maio de 2020	TVUFBA / UFBA	Vídeo / live / Youtube
6	Povos Indígenas contra a COVID-19 em Pernambuco	Maio e Agosto de 2020	Rede de Monitoramento de Direitos Indígenas em Pernambuco (REMDIPE)	Site/Relatório/ Boletins
7	Pankararu é Lockdown	28 de Maio de 2020	Povo Pankararu	Vídeo/ Instagram
8	Indígenas WaiWai pedem corpos de seus parentes	10 de Julho de 2020	Levante Indígena	Post/Instagram
9	A pandemia está dizimando as comunidades indígenas	24 de Julho de 2020	Levante indígena	Post/Instagram
10	Povos Indígenas no enfrentamento à COVID-19	Julho de 2020	Conselho Indigenista Missionário (CIMI)	Cartilha
11	Violência Doméstica e Violência Sexual em Tempos de Pandemia – Redes de Apoio e Denúncias: você não está sozinha	19 de Agosto de 2020	Mulheres indígenas do Rio Negro/ FOIRN	Cartilha
12	Serie Maracá	26 de Agosto de 2020	APIB	Vídeo /Youtube
13	Pandemia da covid-19 na vida dos povos indígenas	Outubro/ Novembro 2020	Vukápanavo Revista Terena	Revista acadêmica (Dossiê/ Vukápanavo: Revista Terena)



14	Entrega de kits de higiene pessoal em comunidade	29 de Novembro de 2020	APOINME	Vídeo/ Facebook
15	Relatório Nossa luta é pela vida	Novembro de 2020	APIB	Relatório
16	Encontro Pataxó Hãhãhãe, enfrentando o covid-19	22 de Dezembro de 2020	APOINME	Notícia/ site APOINME
17	Porque a vacina é tão importante Ep:172	15 de Janeiro de 2021	Copiô Parente	Podcast/Spotify
18	Primeira pessoa vacinada indígena	17 de Janeiro de 2021	Thyara Pataxó	Post/Instagram
19	Vacinação na Aldeia	20 de Janeiro de 2021	Papo de Índio	Post/Instagram
20	#VacinaParente Ep:173	23 de Janeiro de 2021	Copiô Parente	Podcast/Spotify
21	Por que os indígenas são grupo prioritário?	24 de Janeiro de 2021	Myrian Krexu	Vídeo/ Instagram
22	Ciência, Ancestralidade e a Cura	26 de Janeiro de 2021	Povo Pankararu	Vídeo/ Instagram
23	Vacinação Avança Ep:174	30 de Janeiro de 2021	Copiô Parente	Podcast/Spotify
24	Campanha Vacina Parente	6 de Fevereiro 2021	APOINME / APIB	Live/Facebook
25	Live vacina parente	8 de Fevereiro de 2021	Mulheres Indígenas/ APIB	Live/Facebook
26	Vacina Parente	10 de Fevereiro de 2021	Tukumã Pataxó	Post/Instagram
27	A devastadora e irreparável morte de Aruká Juma	17 de Fevereiro de 2021	COIAB	Notícia/ site COIAB
28	Waiãpi caminham 8 dias para receber vacina	19 de Fevereiro de 2021	Copiô Parente	Podcast/Spotify
29	Como o povo Kisêdjê enfrenta inimigo invisível, a COVID-19	22 de Fevereiro de 2021	Kamikia Kisêdjê/GT Kisêdjê (Grupo de controle e comunicadores Kisêdjê mediante COVID-19)/ AIK Produções (Associação Indígena Kisêdjê)	Vídeo/Youtube
30	Nós Cuidamos	24 de Fevereiro de 2021	APIB	Vídeo/ Instagram
31	Fake News	11 de Março de 2021	Mídia índia	Post/Instagram
32	Lockdown na aldeia	15 de Março de 2021	Mídia índia	Post/Instagram
33	Vacina parente: os dados	16 de Março de 2021	APIB	Post/Instagram
34	O genocídio indígena atual	17 de Março de 2021	Luiz Eloy Terena e Deborah Duprat/APIB	Artigo/site APIB
35	Plano de vacinação dos povos indígenas do Pernambuco	18 de Março de 2021	APOINME	Live/Facebook
36	Estudantes indígenas do Pará	25 de Abril de 2021	APIB	Vídeo/ Facebook

Figura 1:

Dentre as 36 produções analisadas, 44,4% (16) foram realizadas e divulgadas entre março e setembro de 2020 e 55,6% (20) foram disseminadas entre outubro de 2020 e abril de 2021. Mesmo considerando que este é apenas um recorte, é possível observar que desde o início da pandemia nós nos organizamos para enfrentar a COVID-19. Mudamos a nossa própria comunicação para adequar e produzir materiais de educação que conseguissem levar ao povo informação sobre prevenção da covid, formas de evitar a contaminação dentro das comunidades, estratégias de bloqueio sanitário e demais questões que pudessem proteger a vida de nossos parentes. Com essa produção de conteúdo, conseguimos evitar um genocídio maior em relação aos povos indígenas, devido às facilidades da comunicação em tempo real. Os coletivos de comunicação indígena fizeram uma grande transformação no modo de se adequar a essa nova realidade. Eles tiveram que abrir mão, de certa forma, do modo de comunicação que faziam, para focar nessa comunicação de educação e saúde, novamente se moldando à realidade que foi imposta pela pandemia.

Nesse sentido, as produções são majoritariamente de autorias coletivas, tal como identificado neste estudo, representadas pelas próprias organizações. Há também casos em que as autorias, também coletivas, são atribuídas de modo genérico ao povo que produziu o material ou também à representação ampliada de gênero, tal como por exemplo a produção realizada pelas mulheres indígenas do Rio Negro, independente dos povos envolvidos. Nesse sentido, as produções revelam o envolvimento de várias organizações indígenas, o que reforça a nossa preocupação com a gravidade da situação de saúde diante da pandemia. Nessa análise podemos ver a autonomia indígena na produção de conteúdo ligado à educação em saúde, sendo os principais autores desse conteúdo.

Ainda com relação às autorias e organizações envolvidas nas produções, foi identificada uma diversidade que varia desde grandes organizações indígenas que nos representam há décadas, tal como APIB, APOINME, COIAB, como também existem novos coletivos, perfis indígenas no Instagram e demais plataformas, que estão ocupando cada mais esses espaços nas mídias sociais. Foram criados vários coletivos de comunicação nessas redes, cada uma na perspectiva de cada povo e com suas demandas. Temos como exemplos alguns perfis que estão na plataforma Instagram, tais como o Levante Indígena, Mídia Índia, entre outros perfis. Além disso também temos os influenciadores indígenas, que fazem de suas redes um grande vínculo de comunicação entre as duas partes, a comunidade e a cidade, e com isso articulam uma grande rede de comunicação de “etnomídias” (EURICH, 2010).

Segundo Eurich (2010, p.497), a “etnomídia” constitui “um espaço de afirmação de identidades étnicas” e refere-se às múltiplas mídias alternativas que tem sido apropriadas, criadas e significadas pelos povos indígenas, viabilizada pela estrutura da rede da internet, a qual propiciou a expansão técnica de um sistema indígena de comunicação, marcado pelo sentido de coletividade.



Fonte: [http://emergenciaindigena.apib.info/files/2020/08/Plano\\_Ação\\_Emergencial\\_Covid-19\\_COIAB\\_ATUALIZADO.pdf](http://emergenciaindigena.apib.info/files/2020/08/Plano_Ação_Emergencial_Covid-19_COIAB_ATUALIZADO.pdf)

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CB0g52unEJI/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CB0g52unEJI/?utm_source=ig_web_copy_link)

De fato, uma característica muito importante que foi observada é que as produções analisadas usam várias linguagens da comunicação, tais como: cartilhas, relatórios, revista acadêmica, boletins, notícias, vídeos, *lives*, podcasts e posts. As produções identificadas utilizaram massivamente as plataformas do Youtube, Facebook, Instagram e Spotify. Dentre a totalidade, 38,8% (14) configuraram vídeos/*lives*, 22,2% (8) posts, 13,8% (5) podcasts, 5,5% (2) cartilhas, 5,5% (2) relatórios, 5,5% (2) notícias, 2,7% (1) revista acadêmica, 2,7% (1) artigo publicado em site e 2,7% (1) linguagens mistas.

Nota-se que as linguagens mais utilizadas são vídeos, posts e podcasts, o que converge com as nossas tradições de oralidade e modos próprios de produção de saberes, pautados na transmissão e construção de valores, histórias, memórias e cosmovisões que constituem as nossas culturas. Além disso, a incorporação das mídias e novas formas de comunicação evidenciam também o caráter dinâmico das nossas culturas e indicam a importância da comunicação para nossos povos, tanto para podermos preservar nossas culturas como também para lutar por nossos direitos e revelar um outro lado silenciado da história.

The screenshot shows the Spotify interface for a podcast episode. The title is "#VacinaParente Waiãpi caminham 8 dias para receber a vacina." The episode is from the "Copiô, parente" podcast, dated February 19, 2020, with a duration of 22 minutes. The description mentions that the episode discusses the challenges of receiving a vaccine in remote areas and provides a WhatsApp contact for more information. The Spotify logo and navigation menu are visible on the left side.

Fonte: <https://open.spotify.com/episode/6OSIMPjLx6ikhK0lMqPbBt?si=0jJPold-SNm-b7hEE5KKvQ&nd=1>

The screenshot shows an Instagram post from the account 'thulseaudiovisual'. The post features a video thumbnail of a young man with long dark hair. The caption discusses the COVID-19 pandemic in an indigenous community, expressing concern and requesting that people stay in their villages and avoid contact with large cities. The post is dated April 30, 2020, and has been liked by 'ericaa\_alb' and others.

Fonte: [https://www.instagram.com/p/B\\_n0Pz1FRRV/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B_n0Pz1FRRV/?utm_source=ig_web_copy_link)

De acordo com Sousa (2020, p.202):

O uso das TICs para as comunidades indígenas revela um caráter cultural, mas também pedagógico e político, pois, além de fortalecer a identidade e autorreconhecimento, também enriquece o trabalho sobre a formação de lideranças e o trabalho pedagógico ligado às comunidades em todo o país, dando ainda visibilidade nacional e internacional às questões propostas, fortalecendo o reconhecimento da cultura indígena e também tornando-se canais efetivos de denúncias e crimes de violação dos direitos dos povos originários.

É notável que as comunidades indígenas estão cada vez mais conectadas nos últimos anos graças à internet e aos novos meios de comunicação. Durante o período pandêmico essas ferramentas têm sido de suma importância para debater assuntos pertinentes e levar as pautas para o conhecimento dos não-indígenas e entre os próprios indígenas. A juventude indígena tem tido um papel fundamental nesse aspecto, pois são eles que tem a missão de levar e trazer essas informações entre esses dois mundos. Esses “Guerreiros Digitais” estão trazendo uma perspectiva de dentro de suas comunidades para que o mundo possa ver a realidade de seus povos, e ao mesmo tempo, tem o dever de filtrar informações externas e combater as Fake News que se proliferaram nos últimos tempos, comprometendo a segurança e saúde de toda a nação indígena.

De fato, a presença de vários povos envolvidos nas produções dos vídeos mostra a importância da comunicação e das redes sociais para o conjunto das lutas, tal como o combate à COVID-19, o qual tem sido feito por meio de várias estratégias, dentre elas a informação e educação em saúde. A análise das produções mapeadas revela o envolvimento de 76 povos indígenas, considerando os povos envolvidos diretamente na produção e/ou participantes dos vídeos, podcasts, entre outros, além daqueles cujo material abordou algum aspecto de tais culturas.

Dentre os mais de 300 povos indígenas no contexto do Brasil, identificamos no mapeamento a o envolvimento dos seguintes: Karaja, Canela, Kayapo, Guajajara, Xavante, Tuxá, Tapeba, Xucuru-Kariri, Pankararu, Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó, Wai-Wai, Y'ekuana, Wayana, Wparai, Wataxó Hãhãhãe, Atikum, Truka, Ikpeng, Kaiabi, Yawalapiti, Wauja, Khisetje, Kariri, Tuxi, Kaimbé, Truka Tupã, Kariri-Xocó, Pankaruré, Kantaré, Kantaruré, Fulni-ô, Baniwa, Terena, Guarani, Guarani Mbya, Kaingang, Aruaká/Juma, Karuazu, Waiãpi, Tabajara, Yanomami, Baré, Desano, Tyuka, Tukano, Xacriabá, Tembé, Krenak, Munduruku, Tremembé, Arara, Kayabi, Pankaiwká, Pankararu entre serra, Pankará, Tuxá de Inaja, Xucuru, Kapinawá, Katukina, Marubo, Huni-Kuin, Mayoruna, Kulina Pano, Matís, Kanamari, Korubo, Tson Wük Dyapah (etnia com recente contato), Manchireni, Xipaia, Xikrin, Curuaya, Parakanã, Kisêdjê.

Quanto ao conteúdo dos materiais e produções mapeadas, grande parte deles trataram dos seguintes temas: a) formas de enfrentamento ao novo coronavírus, b) importância da vacinação, c) orientações ao combate à COVID-19, d) estratégias de bloqueios sanitários e medidas de vigilância, e) divulgação do plano de ação dos povos indígenas contra a COVID-19, f) as diversas vítimas da pandemia, g) medidas de proteção adotadas pelas comunidades, h) combate à violência contra as mulheres indígenas durante o período pandêmico, i) denúncias relacionadas ao descaso do governo, j) ataques institucionais, k) combate às Fake News.

Por fim, as demandas presentes nas produções incluídas neste estudo trataram de questões, que são lutas históricas dos povos. Elas focalizaram a saúde de modo direto, mas também pautaram lutas que para nós são indissociadas da saúde, como por exemplo a luta pela demarcação de terras, a luta contra os garimpeiros, as invasões de terras indígenas, os ataques políticos e os tantos outros retrocessos nas políticas públicas relacionadas aos direitos indígenas. Foi observado ao longo da pesquisa várias denúncias feitas pelas redes de comunicadores indígenas, que vem ocorrendo desde o início da pandemia.

Todo esse conteúdo produzido nos leva às diversas pautas, novas e antigas lutas que os povos indígenas ainda enfrentarão, contra o garimpo, a exploração de Terras Indígenas, o descaso do Governo com a saúde e segurança das comunidades e processos no meio político que trazem um retrocesso imenso aos direitos indígenas.

É importante ressaltar que os meios de comunicação estão sendo fundamentais para a compreensão e educação da população em geral sobre as necessidades e as lutas dos indígenas. Cada vez mais a população está tendo acesso a conteúdo criados por indígenas debatendo sobre as lutas fundamentais e as que vão surgindo no decorrer do tempo. Podemos então ver a forte ligação entre o tema da saúde e a demarcação de terras, pois essas pautas estão ligadas ao direito à vida dos povos indígenas e, como tal, são inseparáveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa evidenciou a importância que a comunicação indígena possui para as nossas culturas e para a luta por nossos direitos. Nesse sentido, ela foi fundamental no atual contexto da pandemia da COVID-19, pois representou estratégia central para levar informações às comunidades indígenas, promover o combate ao coronavírus e afirmar o nosso direito à vida.

Nesse processo, o Movimento Indígena e os coletivos de comunicadores indígenas foram protagonistas das ações e se reinventaram em suas práticas, expandindo e incorporando ainda mais novas linguagens e mídias sociais, articulando redes e criando produções capazes de colaborar tanto com as comunidades indígenas como também para a visibilidade, no conjunto da sociedade, sobre as questões que ameaçam os direitos indígenas.

A utilização de plataformas e redes como o Youtube, Instagram, Facebook e Spotify demonstram o diálogo com diversas linguagens e o quanto elas podem favorecer as lutas e a produção de informações quando os seus conteúdos forem por nós elaborados. O nosso protagonismo na criação destes conteúdos é o que pode tornar estas linguagens mais potentes para levar as nossas perspectivas, olhares e, especialmente, a história não contada.

Além disso, utilizamos outros formatos, o que é notável na elaboração de relatórios, tal como o Plano de Ação Emergencial de Combate ao avanço do Coronavírus e de Tratamento entre os Povos Indígenas da Amazônia Brasileira, além de boletins informativos acerca da situação epidemiológica, bem como cartilhas, artigos, revistas e notícias.

Por outro lado, há clareza sobre a importância de mantermos as nossas formas tradicionais de comunicação. As produções de saberes e as nossas grandes lutas sempre se construíram ao redor das fogueiras e devemos preservá-las. O conjunto de todas estas linguagens compuseram os meios de comunicação capazes de contribuir para o combate à COVID-19 e mais uma vez “resistir para existir”.

## REFERENCIAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, ASPHE/FAE/UFPEL, n.14, set 2003, p.79-95.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

EURICH, G. Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade. *Mídia Cidadã*. VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e I Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, Pato Branco, 2010.

KRIPKA, R.M.L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D.L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Atas CIAIQ2015 – Investigação Qualitativa em Educação*, v.2, 2015, p.243-247.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-130, 2005.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: despredimiento y apertura. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores; Universidade Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, p. 25-47, 2007.

PINTO, A.A. O protagonismo comunicacional-informacional-digital indígena na sociedade da informação: antecedentes, experiências e desafios. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"*, 11(2), 2018, p.104-127

SOUSA M.V.L. A cibercultura e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) por lideranças indígenas como ferramentas de reconhecimento da identidade cultural: outros territórios e espaços de resistência. *RIET*, ano I, v.I, n. 1, Julho/Dezembro 2020, p. 189-205

TUKANO, A. Sociedade da informação para as comunidades indígenas. *Inclusão Social*, 1(2), 2006, 113-122.